

SANTA OLÍMPIA E SUAS RELAÇÕES COM A CIDADE DE PIRACICABA: MEMÓRIA E COTIDIANO DE UM BAIRRO TIROLÊS

Fernando Monteiro Camargo¹

Piracicaba

Cidade que carrega o mesmo nome do rio² que a corta de ponta a ponta, Piracicaba está localizada na média depressão periférica paulista, a 152 km a noroeste da capital do estado de São Paulo e a 71 km de Campinas. Sua extensão territorial é de 1.368 km² e possui 364.571 habitantes (Censo, 2010). Piracicaba é uma referência para os moradores das cidades da região que buscam bens e serviços especializados, como comércio, atividades de lazer e serviços de saúde.

Diferentemente da cidade de São Paulo, que teve seu processo de urbanização iniciado no século XIX e está inserida na discussão dos estudos urbanos da metrópole paulistana³, Piracicaba é uma cidade de médio porte e suas transformações espaciais são fruto de processos recentes, da metade do século XX. As “cidades médias” do interior do estado de São Paulo foram marcadas pela cultura do café, da cana-de-açúcar e da construção da estrada de ferro, que se constituíram em elementos fundamentais para o desenvolvimento e crescimento econômico dessa região. As transformações desse espaço, na metade do século XX, com a proliferação de condomínios fechados, apartamentos, *shopping centers* etc., ofereceram formas de sociabilidade que incorporaram modos de vida da metrópole e, ao mesmo tempo, preservaram o modo de vida local, criando uma forma de sociabilidade específica. Certa vez, ao caminhar pela rua do Porto, em Piracicaba, fui contemplado com a frase de um turista:

Mesmo com esse crescimento urbano de Piracicaba que tenho acompanhado ao longo dos anos, sempre que venho para cá é um clima diferente: a cidade preserva um ar de cidade pequena. Piracicaba não é nem tão pequena como Águas de São Pedro⁴ e nem tão grande como São Paulo. Sinto a cultura caipira sem estar no meio do mato.

¹ Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Brasil.

² Rio Piracicaba.

³ Ver Magnani e Torres, 2008.

⁴ Cidade de 2.703 habitantes, segundo o Censo de 2010.

Pensar a cidade por meio da antropologia não é só reconhecer e registrar a diversidade cultural, mas também entender os significados das experiências e comportamentos humanos e seus diferentes arranjos. O método de pesquisa antropológico traz contribuições específicas para a compreensão do fenômeno urbano, uma vez que a complexidade da cidade proporciona infinitas possibilidades de trocas sociais. A cidade, além de ser o espaço da violência, da desigualdade, da impessoalidade, do anonimato, também oferece a seus habitantes lugares de lazer, cultivando estilos particulares de entretenimento, mantendo vínculos de sociabilidade e relacionamento, criando modos e padrões culturais diferenciados (Magnani, 2008: 19).

O bairro tirolês

Santa Olímpia é um bairro de imigrantes trentino-tirolezes⁵ localizado na área rural da cidade de Piracicaba e faz parte do distrito de Santa Terezinha, situado a aproximadamente 20 quilômetros do centro comercial da cidade, às margens da rodovia Piracicaba-Charqueada (SP-308). Seu processo de fundação iniciou-se em 1881, ano em que famílias trentino-tirolezas migraram para o interior de São Paulo para trabalhar na fazenda de café Sete Quedas⁶, de propriedade do Sr. Visconde de Indaiatuba. Em 1892 os imigrantes foram transferidos para a fazenda Monte Alegre, localizada em Piracicaba, o que deu início ao processo de fundação do bairro de Santa Olímpia. Atualmente, o bairro é um núcleo de colonização trentino-tiroleza e, por meio do *Circolo Trentino di Santa Olímpia*⁷, está interligado aos demais *Circolos Trentinos* do mundo. Diversas atividades culturais são promovidas no bairro, por exemplo, um grupo folclórico com mais de 100 integrantes, três corais, grupos de teatro e de danças típicas e pequenas bandas musicais. Além disso, em Santa Olímpia são promovidas aulas do dialeto local e festas tradicionais ligadas à culinária do bairro.

⁵ A região da Província Autônoma de Trento está localizada no extremo norte da Itália. Politicamente, está unida à Província Autônoma de Bolzano (Bozen), atualmente chamadas região Trentino-Alto Adige. Trata-se da porção meridional do antigo Tirol do Sul, até 1918 unido ao Tirol austríaco. Sua principal característica é que a língua do trentino é historicamente a italiana, enquanto a das demais regiões é a alemã.

⁶ Atualmente a Fazenda Sete Quedas é parte do território da cidade de Campinas.

⁷ Os *Circolos Trentinos* são entidades formadas pelos descendentes de Trentino-tirolezes do mundo inteiro que trabalham na preservação de sua cultura por meio da promoção de diversas atividades civis e culturais.

Para os moradores do bairro, fazer parte do *Circolo Trentino* liga-os diretamente a seus antepassados da província de Trento. Segundo I. Correr, membro do *Circolo Trentino di Santa Olímpia*, o bairro

é um pequeno pedaço do trentino no Brasil, e esse fato se dá porque a maioria das pessoas é descendente da região do Tirol e, por meio de nossas tradições, mantemos a cultura trento-tirolesa viva.

Na descrição de um morador de Santa Olímpia, encontrada no *site* oficial do bairro, a primeira impressão ao chegar ao bairro foi a de:

ter encontrado em meio ao verde da paisagem uma pequena *aldeia* de montanha: uma igreja central, rodeada por uma ampla e tranquila praça, enfeitada com belas flores e verdes árvores; logo ao lado é possível ver as pequenas e estreitas ruas, como aquelas das *aldeias europeias*, com janelas e portas que dão diretamente para a rua.

Esta bela e romântica aparência também reflete o modo de viver de seus habitantes, gente simples e muito alegre, que mantém em terras paulistas a sinceridade e hospitalidades dos tiroleses.

A belíssima Igreja central, em honra à Imaculada Conceição, garante à paisagem um aspecto de *aldeia medieval*, fazendo do bairro um cartão postal para o visitante. Junto à praça é possível ouvir entre uma conversa e outra o dialeto ítalo-tirolês, ainda falado pelos habitantes do local, e não apenas pelos mais velhos, mas também por alguns jovens e crianças, preservando com muita estima a língua de seus antepassados. (Altamayer, s.d. , grifos meus).

Assim vista, Santa Olímpia aparece como *aldeia*, local em que tudo e todos são conhecidos, ligados por padrões de trocas interpessoais e isolados do contexto urbano – uma comunidade no sentido clássico do termo. Dá-se, portanto, a impressão de que é possível conhecer a totalidade de Santa Olímpia fazendo etnografia apenas olhando para o bairro, sem considerar o contexto urbano no qual esse espaço está inserido – “a tentação da aldeia”, como descreve Magnani (2008).

É necessário, contudo, um olhar “de perto e de dentro” (Magnani, 2007: 4), que se distancie da ideia de Evans-Pritchard (1978: 20), quando afirma que “da porta de minha barraca podia ver o que acontecia em toda a aldeia”, ou ainda da visão de Malinowski (1978: 21) de que, “no meu passeio matinal pela aldeia, podia observar detalhes íntimos da vida familiar”.

Um novo olhar

Ao olharmos Santa Olímpia sob a perspectiva proposta por Magnani (2007), percebemos que seus moradores não são homogêneos, tanto do ponto de vista de sua composição social quanto do ponto de vista das visões acerca do bairro e da cidade.

Ao vivenciar o cotidiano pude construir, em um processo de pesquisa etnográfica, uma totalidade não *funcionalista*, que não “evoca um todo orgânico, funcional, sem conflitos e tampouco se trata de uma totalidade que coincide, no caso da cidade, com os seus limites político-administrativos” (Magnani, 2009: 137), mas de uma totalidade experimentada e reconhecida pelos atores sociais, identificada pelo investigador:

posto que não se pode contar com uma totalidade dada a priori, postula-se uma a ser construída a partir da experiência dos atores e com a ajuda de hipóteses de trabalho e escolhas teóricas, como condição para que se possa dizer algo mais que generalidades a respeito do objeto de estudo. (Magnani, 2002: 20).

Com o propósito de conhecer e interpretar as representações dos habitantes de Santa Olímpia no que diz respeito às tradições e às regras sociais estabelecidas e sua relação com a cidade, percorri trajetos e busquei identificar as diferentes opiniões, valores, interesses e conflitos dentro e fora do bairro.

Busquei situações proporcionadas pelo acaso que pudessem dar pistas sobre a vida cotidiana do bairro e das relações que seus moradores estabelecem com a cidade inspirado na perspectiva de etnografia de rua, que busca na figura do personagem baudelairiano, o *flâneur*, o desafio de experienciar a cidade como uma morada, traçando itinerários, trajetos que o fazem conceber o movimento urbano (Eckert; Rocha, 2003).

A técnica de etnografia de rua consiste na exploração dos espaços urbanos a serem investigados através de caminhadas «sem destino fixo» nos seus territórios. A intenção não se limita, portanto, apenas a retornar o olhar do pesquisador para a sua cidade por meio de processos de reinvenção/reencantamento de seus espaços cotidianos, mas capacitá-lo às exigências de rigor nas observações etnográficas ao longo de ações que envolvem deslocamentos constantes no cenário da vida urbana. (Eckert; Rocha, 2003: 4).

No exercício da etnografia foi possível classificar dois espaços diferentes dentro do bairro: o primeiro é o da rua principal (única rua asfaltada do bairro); o segundo consiste nas ruas laterais (ruas de cascalho).

Para chegar ao bairro é necessário seguir pela estrada Piracicaba-Charqueada (SP-308) por cerca de 20 quilômetros até um trevo de acesso. No trevo existem duas formas de se dirigir a Santa Olímpia: uma estrada de terra que passa entre plantações de cana-de-açúcar, e outra, mais utilizada, asfaltada, que passa por dentro do bairro de Santana.

A via asfaltada que nos leva a Santa Olímpia é também a principal rua do bairro. Nela estão localizados: um antigo casarão colonial do início do século XX, sede da associação dos moradores que, segundo seus membros, foi adquirido para futuramente abrigar um museu⁸; uma pequena cafeteria em moldes tirolezes; um barracão pertencente à associação de moradores; a única praça do bairro com uma Igreja e duas lanchonetes; uma galeria comercial; além de casas residenciais.

Antes do bairro de Santa Olímpia, essa rua passa por uma região chamada pelos moradores de *Grupo* – referência ao grupo escolar – um local intermediário que fica na divisa do bairro de Santana e Santa Olímpia. Nesse local estão localizados uma escola estadual, uma Unidade Básica de Saúde e o correio. Apesar de essa área legalmente pertencer ao bairro de Santana, quem mora nessa região é reconhecido por morar no *Grupo*. Essa é uma região de divisa que não é considerada nem de Santana⁹ nem de Santa Olímpia.

O discurso dos moradores de Santa Olímpia sobre essa região já nos mostra que morar ali significa estar na divisa, no limite do bairro e, portanto, estar com um pé em Santa Olímpia e outro na cidade. Segundo A. Degaspari¹⁰, morador do bairro, “quem mora no Grupo é porque não gosta tanto desse controle daqui do bairro; lá ele fica perto da escola, do posto, do correio, né? Ah, lá tem bastante casa de gente de fora daqui também; morar lá não é morar aqui”.

Chegando a Santa Olímpia

Ao chegar a Santa Olímpia, logo se avista a Igreja Imaculada Conceição. A sua direita fica uma gruta com a imagem de Nossa Senhora de Fátima e o “escadão” –

⁸ Durante a Festa da Polenta é organizada no casarão uma pequena exposição temporária, composta por fotos, roupas antigas, utensílios de cozinha e móveis antigos, além de explicações sobre a história do bairro e dos descendentes dos moradores imigrantes da região do Tirol.

⁹ Santana, na divisa com Santa Olímpia, é um bairro também de imigrantes tirolezes. No entanto, a rivalidade entre os dois bairros é muito grande.

¹⁰ Todos os nomes dos entrevistados são fictícios.

antiga tradição arquitetônica utilizada para procissões. A escadaria foi construída em 1945 e possui 90 degraus divididos em 15 lances de escada, uma para cada estação da via-sacra. Muitas residências localizadas na rua principal possuem um pequeno altar próximo à entrada da casa, embutido na parede ou nos jardins, com imagens de santos. Além disso, portões e muros baixos ou telas de arame cercam as casas ou conjuntos delas, pois geralmente as famílias proprietárias de grandes terrenos constroem neles mais de uma casa, dividido-o entre avós, pais, filhos e primos.

O ambiente de rua asfaltada é um espaço do acaso. Ali os moradores de Santa Olímpia têm a possibilidade de encontrar pessoas de fora do bairro – os turistas. Os turistas que visitam o bairro vão à procura da “autêntica” cultura trentino-tirolesa. Como visto anteriormente, nesse ambiente localizam-se a cafeteria, a igreja, a praça, os altares com santos nas portas das casas, o casarão da Associação dos Moradores, o barracão de confraternização. Todo o cenário está muito bem montado, pronto, a qualquer hora do dia, para a chegada de um “estranho”, de alguém que não seja tirolês e deseje ali usufruir da “cultura” do bairro. As festas que ali acontecem, como a Festa da Polenta e a Festa della Cuccagna, são realizadas também nesse espaço. Durante a Festa da Polenta¹¹ fica difícil perceber as ruas laterais feitas de cascalho; tem-se a impressão de que o bairro resume-se apenas à rua asfaltada. Segundo I. Correr, membro da equipe organizadora: “a festa de fato é organizada para que as pessoas conheçam a cultura local; tudo que é a autêntica cultura tirolesa está aqui: danças, músicas, roupas, comida e a decoração. Tudo para que o visitante conheça o modo de vida tirolês”.

Essa rua asfaltada, destinada à circulação, transforma-se, sendo ora ocupada por festas, ora por aposentados jogando caxeta; às vezes vira palco, outras vezes, trajeto em dia de procissão. Segundo Magnani (1993), o que importa para o olhar antropológico não é a rua em sua materialidade, mas, sim, a “experiência da rua”, ou seja, a possibilidade do encontro entre personagens de mundos diferentes.

Essa “experiência da rua” proporcionada pela rua asfaltada em Santa Olímpia:

resgata a experiência da diversidade, possibilitando a presença do forasteiro, o encontro entre desconhecidos, a troca entre diferentes, o reconhecimento dos semelhantes, a multiplicidade de usos e olhares – tudo num espaço público e regulado por normas também públicas. (Magnani, 1993: 2).

¹¹ A Festa da Polenta é a mais famosa do bairro e recebe aproximadamente, 15 mil visitantes a cada ano.

Além disso, podemos compreender esse espaço como o *pedaço* dos tirolezes, pois, apesar de estar preparado para a chegada do turista e aberto ao acaso, ao se observar de perto percebe-se que é um local “controlado”, inclusive por câmeras instaladas na praça que, segundo os moradores, foram colocadas para garantir a segurança do bairro. Segundo Magnani (1984), o *pedaço* é:

aquele espaço intermediário entre o privado (a casa) e o público, onde se desenvolve uma sociabilidade básica, mais ampla que a fundada nos laços familiares, porém mais densa, significativa e estável que as relações formais e individualizadas impostas pela sociedade. (Magnani, 1984: 138).

As cerimônias oficiais do bairro, e principais atividades de lazer, reunindo sempre uma grande quantidade de tirolezes, acontecem nesse espaço. A rua asfaltada, delimitada por marcos físicos, é frequentada por pessoas que se reconhecem como membros de uma rede social com base territorial:

é ao mesmo tempo resultado de práticas coletivas (entre as quais as de lazer) e a condição para seu exercício e fruição. [...] Pertencer a essa rede implica o cumprimento de determinadas regras de lealdade que funcionam também como proteção, inclusive quando as pessoas aventuram-se para o desfrute de lazer fora do pedaço. (Magnani, 2008: 13).

Ao caminhar pelas ruas de cascalho do bairro percebemos uma evidente mudança de cenário. As ruas são estreitas, as casas não possuem muros nem outro tipo de divisão; são casas grandes e muito próximas umas das outras. Roupas no varal e cachorros soltos fazem também parte da paisagem. A sensação ao andar por essas ruas é de entrar em espaços particulares. No quintal das casas é comum encontrarmos hortas ou até pequenas parreiras que, em conjunto com casas do bairro de Santana, sustentam uma produção artesanal de vinho.

Diferentemente da rua asfaltada, em que as pessoas parecem estar caminhando de um lugar para outro, aí encontramos moradores parados diante de suas casas, cumprimentando a todos que por ali passam. Esse comportamento dá a impressão de que estão incomodados com a presença do “estranho” naquele local; o olhar desconfiado é predominante. Segundo Stênico, morador, “se algum estranho caminhar por aí é perigoso até chamar a polícia; a gente não sabe quem é e chama a polícia”. É,

portanto, o espaço do domínio privado, onde só quem é tirolês pode transitar. Opondo-se ao espaço da rua, este é o espaço da casa, das relações consanguíneas (Da Matta, 1985). No entanto, algumas casas destoam da paisagem das ruas de cascalho. São casas recém-construídas ou em construção, com muros e portões altos, que foram identificadas como sendo casas de não tirolezes – *os de fora*.

Deslocamento pela cidade

Santa Olímpia não oferece muitas possibilidades de trabalho; é um bairro residencial na área rural de Piracicaba e a maioria dos moradores trabalha fora do bairro – *na cidade*.

Aqui tem pouca coisa, né? Tem a vendinha, o bar e a lanchonete, a pizzaria e o café que abrem às vezes. Não tem como trabalhar aqui. A gente ainda tem uma roça no fundo de casa, mas a maioria trabalha fora, praticamente todos os nossos filhos são estudados, graças a Deus, então trabalham na cidade. (I. Negri, 79 anos, moradora do bairro).

Deixar o bairro para trabalhar ou para passar o dia *na cidade* significa transitar em *pedaços* diferentes, ter contato com o estranho, com o acaso e, portanto, com o perigo.

Pessoas de “pedaços” diferentes, ou alguém em trânsito por um “pedaço” que não o seu, são muito cautelosas: o conflito, a hostilidade estão sempre latentes, pois todo lugar fora do “pedaço” é aquela parte *desconhecida* do mapa e, portanto, do perigo. (Magnani, 1984: 116).

Ao sair do bairro e se deslocar pela cidade, os moradores de Santa Olímpia constroem *trajetos* por meio de referenciais culturais ligados às suas tradições. Portanto, ao passar o dia *na cidade*, na busca por produtos específicos, estabelecem pontos de referência de suas identidades e de seu modo de ser no mundo.

Quando vou para a cidade, para o centro, eu vou sempre naquela churrascaria que tem na Rua Benjamin; às vezes nem estou com fome, mas dou uma passada. Lá eu conheço o dono, porque ele é tirolês, ou tem parente tirolês, não sei direito. Uma vez até eu fingi que não tinha dinheiro para pagar a conta e ver qual era a atitude dele; aí ele falou que eu podia pagar outro dia. Eu perguntei se ele não ia querer algum documento meu, mas ele disse que me conhecia, que eu era tirolês e ele confiava. Depois falei pra ele que fiz isso só pra ver o que ele ia fazer. Agora ele até vem jogar futebol aqui no bairro com o time dele. Uma vez até saiu uma confusãozinha porque eles trouxeram a cerveja deles para beber, mas aqui tem o bar, pode comprar a

cerveja aqui e não trazer de fora. Mas agora ele entendeu; aqui é nosso espaço, né? (J. Cristofolleti, 54 anos, morador do bairro).

A churrascaria, de fluxo intenso de pessoas, fica em uma esquina bem movimentada do centro da cidade de Piracicaba e a comida não é diferente das encontradas em outros restaurantes da área central. No entanto, ao escolher essa churrascaria como ponto de referência, o tirolês diferencia o local de outros quanto à forma de sociabilidade. Estabelece uma relação com o local que corresponde à lógica tirolesa de viver, da personalidade, da relação de confiança – a lógica *do pedaço*. Ao mesmo tempo, o fluxo intenso de pessoas e a presença de sujeitos não tiroleses propiciam encontros e trocas entre culturas, relações essas que podem se estender para dentro do bairro. A churrascaria, utilizada não somente para se alimentar, mas como ponto de encontro de iguais, é um *pedaço* tirolês no centro de Piracicaba. No entanto, diferentemente da lógica do bairro, as pessoas não necessariamente se conhecem, mas reconhecem-se como portadores de mesmos símbolos sociais.

Está-se entre iguais, nesses lugares: o território é claramente delimitado por marcas exclusivas. O componente espacial do *pedaço*, ainda que inserido num equipamento ou lugar de amplo acesso, não comporta ambiguidades porque está impregnado pelo aspecto simbólico que lhe empresta a forma de apropriação característica. (Magnani, 2008: 39).

Comer sempre na churrascaria estabelece uma relação de fidelidade e de confiança com o dono do estabelecimento e cria a possibilidade do convite para jogar futebol em Santa Olímpia. Para que se estabeleça uma relação de troca simbólica, além de aceitar o convite para jogar futebol em Santa Olímpia, o dono da churrascaria precisa também consumir algo no bairro. Comprar a cerveja no bar do bairro (e não levar a própria cerveja) é uma regra estabelecida com base na reciprocidade (Mauss, 1974), criando uma relação direta entre o que é consumido dentro da churrascaria com o que é consumido durante o jogo de futebol em Santa Olímpia.

Outro ponto de referência, também no centro de Piracicaba, é a sapataria Santana.

Damos prioridade para comprar sapatos na sapataria Santana. Lá é de um morador de Santana, e é por isso que sempre que vamos para a cidade passamos lá. (F. Forti, 51 anos, moradora do bairro).

A sapataria Santana, cujo dono é um morador do bairro vizinho, tornou-se um ponto de referência para o tirolês que vai para o centro de Piracicaba. Apesar de os tirolezes mais jovens não frequentarem a sapataria para comprar sapato, muitos dizem que, para sentirem-se seguros no centro, precisam passar por lá para “pelo menos dar uma olhada na vitrine”.

A sapataria é uma referência pra gente lá. Lembro da minha mãe sempre falando, passa primeiro lá na Santana, ou, ainda, qualquer coisa vai lá na Santana que eles te acodem. (F. Correr, 32 anos, moradora).

A churrascaria e a sapataria no centro da cidade constituem *pedaços* trentino-tirolezes fora do bairro de Santa Olímpia. Esses lugares servem de pontos de referência para quem vai ao centro. A dinâmica urbana possibilita deslocamentos entre os espaços; por sua vez os *pedaços* criados na cidade fazem com que os trentino-tirolezes desloquem-se sem os riscos que a cidade apresenta.

Voltando para o bairro

Observei que, apesar de a maioria dos moradores do bairro dizer-se descendente de trentino-tirolezes, nem todos possuem as mesmas referências em relação à cidade. Dessa forma, optei por voltar ao bairro para compreender o que é ser trentino-tirolês em Santa Olímpia e, portanto, que regras sociais estabelecidas fazem com que se reconheçam como tal. A volta ao bairro possibilitou, por meio de categorias nativas, classificar em dois grupos os moradores que não são considerados *do pedaço* – *os de fora* e *os evangélicos*.

Os de fora são aqueles que não possuem história familiar no bairro, mas que compraram casas em busca da tranquilidade da vida em “comunidade”. São aceitos no bairro, desde que ajudem ou pelo menos *não atrapalhem os costumes tirolezes*. Por sua vez, as casas *dos de fora* possuem muros e portões altos, o que contrasta com as casas dos trentino-tirolezes. Além disso, muitas casas são chácaras, utilizadas aos finais de semana. Alguns desses moradores *de fora* participam da organização das atividades desenvolvidas no bairro, como as festas, mas sem a obrigação de ajudar. No entanto, pagam uma taxa mensal de ajuda à Associação dos Moradores do Bairro. Essa taxa é

cobrada de todos os moradores para que a associação possa fazer melhorias de infraestrutura em Santa Olímpia.

Existem pessoas que vieram morar aqui, mas não são tirolezes. Algumas usam as casas só nos finais de semana, mas algumas pessoas ajudam bastante nas coisas dos tirolezes, são bastante participativas. O importante é não atrapalhar, né? Só que para ser tirolês precisa ir na Igreja, né? (C. Forti, 55 anos, moradora).

Entre os descendentes de tirolezes apegados à tradição do catolicismo, os *evangélicos* são os não católicos que foram morar no bairro atraídos pelos baixos preços que os terrenos de Santa Olímpia ofereciam no passado. Ser católico é uma porta de entrada para o “mundo” trentino. Frequentar a igreja do bairro é fundamental para ser reconhecido e partilhar a “autêntica” cultura tirolesa:

Minha sobrinha arrumou um namorado e meu pai perguntou pra ela se ele é católico, porque se não for católico não serve para eles. Já meu sogro não quis vender uma casa que ele tem no bairro para a sobrinha dele porque o marido dela não é tirolês. (Stênico, 48 anos, moradora do bairro).

Muitos desses *evangélicos* compraram esses terrenos de trentino-tirolezes que se mudaram para o centro da cidade em busca do anonimato proporcionado pelo processo de urbanização.

Vendi meu terreno pra um evangélico porque eu não gostava de Santa Olímpia. Tinha muito controle, era um tomando conta da vida do outro; então arrumei um apartamento em Piracicaba e mudei. Hoje acho que me arrependo. (C. Pompermayer, 50 anos, ex-moradora).

Além de não possuírem vínculos familiares em Santa Olímpia, *os evangélicos* são sempre vistos com cautela e preconceito pelos tirolezes, pois oferecem certo “perigo” à manutenção da unidade do bairro:

– Todos de Santa Olímpia são católicos?
– Ah, existem também alguns evangélicos.
– E como ficam esses evangélicos?
– Ah... eles só moram no bairro, eles pegam ônibus, ficam sentados lá. Mas a gente não exclui eles; eles que se excluem. Deus me livre ter uma Igreja evangélica aqui. Esses dias um padre, tirolês, mas que não mora no bairro, tava aqui e falou que ele achava que estavam construindo uma Igreja evangélica aqui; nossa... um monte de gente acreditou. (C. Forti, 55 anos, moradora – diálogo com o autor).

Diferentemente dos *de fora* e *dos evangélicos*, que não participam de todas as atividades do bairro, os trentino-tirolezes devem seguir à risca regras estabelecidas e participar de todas as atividades desenvolvidas em Santa Olímpia. Desde atividades cotidianas, como lavar a igreja e ficar como acompanhante de pessoas acamadas, até ações pontuais no bairro, como organização das festas, preparação de velórios, plantio de árvores etc. Essas atividades são organizadas durante reuniões na igreja, chamadas de Catequese Social. Com o apoio da associação, nessas reuniões discutem-se planejamento, necessidades e ações que serão desenvolvidas no bairro.

Segundo os membros da associação, a maior preocupação é manter a “unidade” do bairro através de “ações de resgate da história de Santa Olímpia”. Para isso, em 2008, foi lançada uma apostila intitulada: *Do que sou descendente? De tirolezes còssa son mi? Mi son tirolés!*

Há mais de um século chegavam os primeiros imigrantes tirolezes ao Brasil [...]. Se, por um lado, a imigração trouxe possibilidades de melhores condições para as futuras gerações, por outro lado gerou um desligamento com a terra original e com sua cultura. Esse desligamento, naturalmente, não foi total. A comunidade tiroleza de Piracicaba, concentrada nos bairros de Santana e Santa Olímpia, mantém hábitos e costumes de seus antepassados. Entretanto, *as gerações mais novas estão cada vez mais distantes de suas origens* e, assim, de sua identidade cultural. O objetivo desta pequena apostila é fazer entender que é possível, mesmo hoje, reatar os laços de ligação com a terra de nossa origem: o Tirol, e isso não significa apagar nossa brasilidade. Somos brasileiros, mas *não podemos deixar no esquecimento nossa origem*, pois ela também faz parte de nós e do que somos. Para fazer entender esses aspectos, responderemos as perguntas mais frequentes das novas gerações: O que é o Tirol? Como é dividida a região tiroleza? O que é o trentino? Quais são os idiomas do Tirol? O que é o dialeto tirolês que se fala em Santa Olímpia e Santana? O que foi a imigração tiroleza para o Brasil? Como e quando ocorreu? De que região tiroleza vieram os fundadores de Santa Olímpia e Santana? *Qual é a autêntica cultura tiroleza?* A partir dessas perguntas, procuramos responder com respostas objetivas às dúvidas de muitos moradores da comunidade. Esse trabalho visa resgatar e promover, *de forma organizada e correta*, a própria identidade da comunidade, *de modo a reforçar sua importância na vida das gerações futuras*. (Altmayer, 2008: 1. Grifos meus.)

Nessa apostila é remontada a história da vinda dos trentino-tirolezes para o Brasil e, conseqüentemente, da formação de Santa Olímpia como bairro. O objetivo é “reatar os laços de ligação com a terra de nossa origem: o Tirol”. Logo na introdução da apostila, chamam a atenção os seguintes dizeres: “autêntica cultura” e “forma organizada e correta de transmitir a cultura”.

A nossa preocupação é com essa expansão urbana de Piracicaba. Todos os lugares estão criando condomínios fechados, e nosso medo é que isso chegue aqui; porque aqui temos essa vida tranquila de comunidade. Outro dia mesmo tinha uns carros diferentes aqui, de construtoras. Além disso, temos muita preocupação com os jovens, de se perderem na cidade, nas drogas, na violência. (M. Correr, 43 anos, membro da associação do bairro).

Partindo dessa preocupação, os moradores desenvolveram diversas ações de reivindicação da cultura local como patrimônio cultural. Em junho de 2012, em carta endereçada ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, a Associação dos Moradores do Bairro de Santa Olímpia, por intermédio de seu presidente, solicitou informações sobre o processo de reconhecimento do bairro como Paisagem Cultural do Brasil¹². Concomitantemente, um estudo sobre a culinária tirolesa de Santa Olímpia como patrimônio cultural foi realizado pelo *Circolo Trentino de Santa Olímpia*. Além disso, a associação conseguiu, por meio da administração municipal, uma verba inicial para a fundação do Museu de Santa Olímpia.

Com o crescimento urbano proporcionado pelo aumento populacional¹³ e pela proliferação de condomínios fechados na cidade de Piracicaba, que ocorreram a partir da década de 1980, e com a maior circulação de pessoas no bairro, os trentino-tiroleses mobilizaram-se, criando estratégias de “resistência” a esse processo, contradizendo a própria concepção contemporânea de tempo e espaço. Por meio da reivindicação de elementos de sua cultura como patrimônios culturais, suspendem, de maneira simbólica, o tempo, na busca de se eternizar. Os moradores de Santa Olímpia organizam essa realidade a partir de uma experiência sensível, por meio das festas tradicionais do bairro que recorrem à história oficial, demonstrando o caráter preservado com que a cultura permanece no tempo.

Os ritos, assim, ao mesmo tempo em que alteram e estabelecem cortes no fluxo cotidiano, não constituem momentos essencialmente diferentes da rotina diária, uma vez que, neles, determinados aspectos desse mesmo cotidiano são salientados, colocados em foco. (Magnani, 2007: 40).

¹² Paisagem Cultural é uma categoria utilizada pelo IPHAN que é caracterizada como “uma porção peculiar do território nacional, representativa do processo de interação do homem com o meio natural, à qual a vida e a ciência humana imprimiram marcas ou atribuíram valores”. (Portaria IPHAN 187/2009 - Artigo 1).

¹³ Segundo o Censo do IBGE, em 1980, Piracicaba tinha 210.568 habitantes, passando para 364.571 habitantes em 2010.

Um calendário de festas é montado no bairro. As festas são momentos de intensificar o trabalho coletivo e voluntário, opondo-se ao tempo cotidiano, marcado pela dispersão, em que a dedicação ao bairro envolve tarefas mais individuais. Em Santa Olímpia, o trabalho voluntário coletivo é determinado em assembleia convocada pela associação dos moradores.

Novembro é um mês festivo. Os trentino-tirolezes comemoram durante todo o mês a chegada dos imigrantes na cidade de Piracicaba. Em todos os finais de semana é promovida uma festa para os próprios moradores do bairro. Nessas festas não são servidas apenas as “comidas típicas” tirolesas, e o cenário do bairro não se altera muito do de um dia comum; apenas são incorporadas barracas de comidas e de brincadeiras infantis (pula-pula). Nesse mês é comemorado também o aniversário do bairro e de sua padroeira, Santa Olímpia.

Durante essas festas do mês de novembro são servidos pastéis, crepe, churros, batata, cachorro-quente. Ah... um monte de coisas... É uma festa pra gente, né? Até vêm pessoas de fora, mas a maioria é do bairro. É uma festa nossa. É só diversão. (G. Stenico, 55 anos, moradora).

Apesar de ser uma comemoração da imigração trentino-tirolesa, não há uma preocupação maior com a reconstrução da história do bairro ou com as lembranças do passado. É a comemoração do “hoje”, da vitória do processo de imigração e, portanto, de todos os “de dentro”.

O carnaval é outro momento importante para os trentino-tirolezes. Desde 2011 tem sido organizado um desfile no sábado de Carnaval. Os moradores do bairro são setorizados por cores que representam cada região do bairro – branco, amarelo, azul e verde –, como se cada cor representasse cada família dos imigrantes que vieram para o Brasil. Dessa forma, facilitam a organização das tarefas de construção do bloco de carnaval. Cada região do bairro fica responsável por uma ala, e só quem é trentino-tirolês pode participar. Nas alas é remontada a história da imigração tirolesa para o Brasil. Esse desfile, realizado à noite, representa a união dessas famílias para a construção do bairro.

Na terça-feira, durante o dia, acontece a mais antiga festa de Santa Olímpia. A Festa della Cuccagna. Cuccagna é, segundo os moradores, uma expressão presente no dialeto trentino para indicar “estado de êxtase, onde há fartura, onde não há miséria,

mas muita alegria”. Também é o nome de um prato típico, uma fritada de ovos com tomates, linguiça, *bacon* e queijo.

A festa tem início às 11 horas da manhã. Os moradores, sujos de lama, caminham pelas ruas, atravessando terrenos até um riacho, formando uma caravana que segue sempre cantando. Segundo os moradores, o lema é não ficar limpo. Essa manifestação estende-se até as 17 horas, quando então a polenta, acompanhada da Cuccagna, é servida gratuitamente aos presentes. Após a refeição, tem início o baile de Carnaval na praça central de Santa Olímpia, que segue até a meia-noite, quando então é interrompida em respeito ao período da Quaresma que se inicia, sinal do apego às tradições da Igreja Católica.

Muitos jovens participam dessa festa; caminham pelo bairro dançando e bebendo cerveja ou vinho. Além disso, lambuzam-se de terra e cantam músicas. Algumas crianças participam, mas logo se cansam, ficando para traz na caminhada. Fica evidente que os jovens são os protagonistas. É uma festa dos jovens e para os jovens. Nos últimos anos tem sido frequentada por pessoas de fora do bairro, mas quem é tirolês recebe uma pulseira de identificação para diferenciar-se dos demais. Dessa forma, os trentino-tirolezes podem controlar as pessoas que estão participando da festa.

Essa festa é o momento dos jovens. É justamente nas mãos daqueles vistos com preocupação por parte da associação como os mais vulneráveis às mudanças proporcionadas pela cidade que se coloca a responsabilidade da festa mais tradicional. É o momento de reviver o início do processo de construção de Santa Olímpia, visto que, quando os imigrantes vieram para Piracicaba, todos eram muitos jovens. Na festa, esses moradores revivem essa história demonstrando a alegria e a esperança do processo migratório.

Na Páscoa, ocorre a pintura de ovos de galinha. Cada pessoa cozinha seu ovo e depois pinta com tintas naturais extraídas de flores, sementes e frutos. Após a pintura é realizado um concurso; o vencedor recebe como prêmio uma cesta de chocolate. Nesse dia é servido um almoço comunitário no salão do bairro. Esse é o principal momento das crianças; é feito para elas, um momento claro de passagem de tradições para crianças.

Eu ensinei minha filha a pintar os ovos e minha mãe que me ensinou a pintar também; eu lembro direitinho como foi. (A. Degaspari, 57 anos, moradora).

Esse momento representa o nascimento da segunda geração do bairro e, portanto, dos primeiros nascidos em Santa Olímpia. Passada a euforia da chegada dos jovens imigrantes tirolezes, chega a hora de solidificar e construir as tradições para as gerações futuras.

Fechando o ciclo, a Festa da Polenta de Piracicaba acontece desde 1992 e é promovida pelos moradores do bairro Santa Olímpia. A primeira edição da festa, em 1992, teve o intuito de comemorar o centenário dessa imigração. Em 1993 a festa foi repetida, mas somente em 1999 teve sua terceira edição realizada. De lá para cá, ocorre anualmente no mês de julho, tendo completado, em 2012, seu 16º aniversário.

Atualmente a festa reúne aproximadamente 15 mil visitantes que têm à disposição comidas típicas trentinas, tais como polenta con *crouti* (polenta acompanhada de chucrute, *spec* e linguiça), *canederle* ou *knödel* (nhoques de pão com linguiça e especiarias, servidos em uma sopa de frango), a *polenta con cuccagna* (fritada de ovos com tomates, linguiça, bacon e queijo), o *strangola pretti* (nhoques verdes), polenta frita, salsichão, *gròstoi* (pasteizinhos doces); tudo isso acompanhado de cerveja ou vinhos de uva e de laranja, além do destilado de casca de uva, a *grappa*, todos de fabricação local. Essas comidas e bebidas são servidas em três espaços diferentes: tendas montadas na rua, salão de festas e bares adaptados. É montada também uma cafeteria no porão do casarão sede da associação em que é servido, além do cafezinho, chocolate quente, *cappuccino*, bolos e doces produzidos pelos moradores de Santa Olímpia.

Além das comidas e bebidas típicas, danças tirolesas, apresentações de corais, bandas de músicas tirolesas, fazem parte da programação oficial. Todas as atividades da festa, desde a preparação, são realizadas pelos moradores do bairro, que obedecem a uma escala de horários. A Festa da Polenta é, portanto, uma apresentação do bairro para turistas que o frequentam neste período. É a forma de arrecadar dinheiro para efetuar melhorias no bairro. Mostrar a tradição para quem é de fora é o foco da festa, por isso muitos moradores, durante o evento, usam trajes típicos e aproveitam para praticar mais o dialeto:

Além de participarem do evento, os moradores de Piracicaba e região acabam voltando em outros fins de semana para usufruir da tranquilidade do bairro e aproveitam a gastronomia típica do local. É através da festa que arrecadamos verbas para o resgate da cultura trentino-tirolesa. Por isso tudo precisa estar bem arrumado. Qualquer dia, com o dinheiro da festa, fazemos nevar aqui em Santa Olímpia. (L. Correr, 41 anos, morador).

Fechando o ciclo de festas, a Festa da Polenta mostra um bairro aberto aos turistas. É o momento de trabalhar para os “de fora”, vestir-se como tirolês, praticar o dialeto, as danças, a música, reivindicando uma “autêntica” cultura tirolesa; é momento estratégico, também, para conseguir recursos para melhorias no bairro. Nela, todos participam, desde as crianças (5-16 anos), que trabalham na cafeteria preparando e servindo os visitantes, até os mais velhos, que ajudam na preparação das comidas típicas na cozinha. É na festa, em contato com o *outro*, que os trentino-tirolezes reconhecem-se como tais.

Na Festa da Polenta ninguém fica parado; todo mundo precisa trabalhar para tudo ficar impecável. É assim que a gente sabe quem é tirolês. Fazemos de tudo para que os turistas possam sentir a cultura do nosso bairro. Nas primeiras vezes a gente colocava música que não era típica e não decorava tanto assim. Mas resolvemos mudar isso por que não estava fazendo mais sentido. Agora é uma festa tirolesa pra quem quiser viver um pouco da nossa cultura. (E. Cristofolleti, 39 anos, morador).

Nas festas ocorre uma mediação entre o sagrado e o profano. Todos os momentos festivos do bairro são intercalados por momentos religiosos. Missas são promovidas após cada festejo, ocupando um lugar especial como celebração, manifestação da fé religiosa cujo ritual põe a comunidade em comunicação com Deus.

Ao repetir o mesmo calendário ano a ano, as festas proporcionam um encontro de temporalidades diferentes entre o passado e o presente e, portanto, entre a concepção moderna ocidental de tempo, como linha pontuada de acontecimentos irreversíveis, (Meyerson, 1956) e a percepção tradicional de tempo cíclico, que termina e recomeça sempre de um mesmo ponto (Eliade, 1991). O tempo histórico é percebido como irreversível, enquanto o tempo cíclico repõe eventos que evocam o passado, atualizando e articulando as relações da vida cotidiana.

Os ritos, assim, ao mesmo tempo em que alteram e estabelecem cortes no fluxo cotidiano, não constituem momentos essencialmente diferentes da rotina diária, uma vez que, neles, determinados aspectos desse mesmo cotidiano são salientados, colocados em foco. (Magnani, 2007: 40).

Em Santa Olímpia, a entrada dos “de fora” nas festas é controlada. Em novembro existe a preocupação de fazer a festa para “os de dentro” do bairro. Nela não é realizada divulgação por meio das mídias locais. Na Festa da Cucagna são colocadas pulseiras nas pessoas que não são tirolesas, restringindo a participação de quem é “de fora”. Já no desfile de Carnaval, é proibida a participação de não tiroleses. No entanto, na Festa da Polenta o cenário é montado para os “de fora”, sendo essa a demonstração da “autêntica” cultura tirolesa que abre a possibilidade de entrada no bairro. Segundo Da Mata (1979), o mito e o ritual são formas para chamar a atenção para aspectos da realidade social que, normalmente, estão submersas no mundo cotidiano.

Considerações finais

A vida em Santa Olímpia mostra peculiaridades marcadas pela história de formação do bairro entrelaçadas aos conflitos característicos do movimento de trocas oportunizadas pelo recente processo de urbanização de Piracicaba. Pensar o bairro compreendendo sua relação com a cidade é crucial em termos estratégicos, visto que:

os graus de uso, a forma de mobilidade, a multiplicidade de pontos de encontro, as oportunidades de trabalho, estudo, etc. oferecidas pelas diversas escalas urbanas é que vão determinar um maior ou menor campo de trocas, permitindo construir, fortalecer e exibir marcas de identidades que se legitimam na medida em que são assumidas pelos “de dentro” e exibidas para “os de fora”. (Magnani, 2009: 148).

No processo de (re)construção de sua cultura, ao reivindicarem uma “autêntica” cultura tirolesa, os tiroleses de Santa Olímpia formam uma identidade.

Estamos deixando tudo como no Tirol, a gente até brinca que vamos comprar uma máquina de neve para fazer nevar aqui. É só isso que falta, né [risos]. (L. Correr, 41, morador).

A brincadeira de fazer nevar no bairro indica que sabem que eles não são mais os “autênticos tiroleses” e que vivem em outro espaço geográfico bem diferente do Tirol, em Piracicaba. Mas, ao mesmo tempo, não querem perder a herança cultural de seus

antepassados. Então buscam uma adaptação, uma identidade em que se reconheçam (os *de dentro*) e sejam reconhecidos (pelos *de fora*).

Na proposta de olhar de dentro do bairro, percorrendo os *trajetos* dos moradores, foi possível identificar dois espaços diferentes dentro de Santa Olímpia. O primeiro da rua principal, o *pedaço* tirolês, em que a presença do turista é aceita, embora controlada de perto pelos moradores. O segundo são as ruas de cascalho que representam espaços particulares, de acesso limitado, em que o cumprimento torna-se uma obrigação, como se tivéssemos que pedir licença para entrar nesses espaços. Já ao se deslocarem para fora do bairro em direção à cidade, os tirolezes passam por uma região chamada de *Grupo*, ponto de intersecção do bairro com a cidade. Ali moram pessoas consideradas não tirolezas ou que, de alguma forma, romperam a tradição do bairro.

Os tirolezes criam estratégias para se deslocarem pela cidade, “criam” *pedaços* tirolezes no centro da cidade. A churrascaria e a sapataria servem de ponto de apoio para quem vai ao centro, estabelecendo uma relação de troca entre o bairro e a cidade. O tirolês consome na churrascaria e, portanto, na cidade, e o dono da churrascaria joga futebol e consome algo em Santa Olímpia, estabelecendo uma relação de reciprocidade.

Identifiquei que os trajetos criados pelos moradores ao se deslocarem pela cidade não são homogêneos, o que me obrigou a voltar ao bairro para compreender a composição social e as visões acerca dele. Classifiquei dois grupos que não são considerados trentino-tirolezes – *os evangélicos* e *os de fora*. *Os evangélicos* são os não católicos que foram morar no bairro, atraídos pelos baixos preços que os terrenos de Santa Olímpia ofereciam no passado. *Os de fora* são aqueles que não possuem história familiar no bairro, mas que compraram casas em busca da tranquilidade da vida em “comunidade”. Diferentemente dos *de fora* e *dos evangélicos* que não participam de todas as atividades do bairro, os trentino-tirolezes devem seguir as regras estabelecidas à risca e participar de todas as atividades desenvolvidas em Santa Olímpia.

Os trentino-tirolezes organizam a vida social no bairro por sua memória e, para isso, desenvolvem ações para valorização de seu patrimônio cultural imaterial. Além disso, observam um calendário de festas que remonta à história do bairro, estabelecendo uma relação direta com os antepassados tirolezes, além de apresentar determinados aspectos do cotidiano.

Referências

ALTMAYER, E. *Do que sou descendente? De tiroleses còssa son mi? Mi son tirolês*. Piracicaba, 2008. (Apostila não publicada.)

ALTMAYER, E. *O bairro Santa Olímpia*. s.d. Disponível em: <<http://www.santaolimpia.com.br/o-bairro-santa-olimpia/>>. Acesso em: 6 mai. 2013.

CAVALCANTI, M. L. V. de C. Os sentidos no espetáculo. *Revista de Antropologia*, São Paulo, v. 45, n. 1, 2002. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0034-77012002000100002>>. Acesso em: 6 mai. 2013.

DA MATTA, R. *Carnavais, malandros e heróis*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

DA MATTA, R. *A casa e a rua*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

ECKERT, C.; ROCHA, A. L. C. da. Etnografia de rua: estudo de antropologia urbana. *RUA: Revista do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade da Unicamp*, Campinas, n. 9, p. 101-127, mar. 2003.

ELIADE, M. *The myth of the eternal return*. Or Cosmos and History. Princeton: Princeton University, 1991.

EVANS-PRITCHARD, E. E. *Os Nuer*. São Paulo: Perspectiva, 1978.

GRAZIANO DA SILVA, J. O novo rural brasileiro. *Nova economia*, Belo Horizonte, v. 7, n. 1, p. 43-81, 1997.

MAGNANI, J. G. C. *Festa no pedaço: lazer e cultura popular na cidade*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

MAGNANI, J. G. C. *A rua e a evolução da sociabilidade*. São Paulo: Museu Paulista - USP, 1993. (Cadernos de História de São Paulo, 2).

MAGNANI, J. G. C.; TORRES, L. *Na metrópole: textos de antropologia urbana*. 3. ed. São Paulo: Edusp/Fapesp, 2008.

MAGNANI, J. G. C. Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole. In: MAGNANI, J. G. C.; TORRES, L. (Orgs.). *Na metrópole: textos de antropologia urbana*. 3. ed. São Paulo. Edusp/Fapesp. p. 12-53. 2008.

MAGNANI, J. G. C. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 17, n. 49, jun. 2002.

MAGNANI, J. G. C. *Santana do Parnaíba: memória e cotidiano*. NAU – Núcleo de Antropologia Urbana da USP. 2007. Disponível em: <<http://www.n-a-u.org/magnanisantanadoparnaibav2.html>>. Acesso em: 20 jul. 2012.

MAGNANI, J. G. C. Etnografia como prática e experiência. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 15, n. 32, dez. 2009. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-71832009000200006>>. Acesso em: 1 mai. 2013.

MAGNANI, J. G. C. *Rua, símbolo e suporte da experiência urbana*. NAU – Núcleo de Antropologia Urbana da USP. s.d. Disponível em: <<http://www.n-a-u.org/ruasimboloesuporte3.html>>. Acesso em: 27 jul. 2012.

MALINOWSKI, B. *Os argonautas do Pacífico Ocidental*. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

MAUSS, M. Ensaio sobre a dádiva. In: MAUSS, M. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: EPU/EDUSP, 1974.

MEYERSON, I. Le temps, la mémoire, l'histoire. *Journal de Psychologie Normale et Patologique*, n. 3, p. 333-354, juil.-sept. 1956.

Recebido em: 08/09/2013

Aprovado em: 10/10/2013